1857 LOUISA MAY ALCOTT

A Confissão de Agatha



TRADUÇÃO DE ANDREA CORONADO

CSRL

VISIT…

LANZAROTE Caliente.COM

1857 LOUISA MAY ALCOTT

A Confissão de Agatha



TRADUÇÃO DE ANDREA CORONADO

CSRL

1857 LOUISA MAY ALCOTT

A Confissão de Agatha



TRADUÇÃO DE ANDREA CORONADO

CSRL

Sociedade das Relíquias Literárias

Tradução:
Andrea Coronado

Preparação:
Fernanda Fedrizzi

Revisão:
João Rodrigues

Capa e projeto gráfico:
Marina Avila

Ilustração de capa:
Erica Nascimento

2023 ISBN 978-85-67566-68-9

Copyright 2023 Editora Wish. **Este material possui direitos de tradução e publicação** e, ao não divulgá-lo sem prévia autorização da editora, você está nos ajudando a continuar publicando raridades para os leitores. Agradecemos por isso.



UMA RELÍQUIA DE

1857

Sinopse

Nenhum pecado ou sacrifício pareciam grandes demais se me trouxessem de volta tudo o que eu havia perdido.

A jovem Agatha se vê arrebatada, pela primeira vez, pela admiração de alguém. Entretanto, um dia, um olhar denuncia que aquela paixão agora seria concorrida.

Uma amizade acabada, um amor em risco, uma confissão imperdoável.

Agatha fará qualquer coisa para salvar seu relacionamento, mesmo que tenha que sucumbir a tentações diabólicas.

A Confissão de Agatha, conto publicado em 1857, mostra um lado mais sombrio e eletrizante da autora que conquistou o mundo com *Mulherzinhas*.

Em 2023, o ano é delas!

100% das autoras da Sociedade das Relíquias Literárias serão mulheres!

Conheça talentos esquecidos pelo tempo e revisite as escritoras clássicas neste ano!

1857 LOUISA MAY ALCOTT

A Confissão de Agatha

Eu era pobre e simples. Sem realizações, seja em intelecto ou em personalidade, e desprovida de charme. Ainda assim, Philip me amava. Anos de cuidado e de trabalho tinham destruído meus sonhos juvenis. Nunca havia pensado em ser amada, e tentava reprimir meu profundo desejo por afeição. Por isso, quando descobri que outro coração humano havia se afeiçoado a mim, foi como se um feitiço tivesse transformado aquela garota fria e solitária em uma mulher alegre e esperançosa. A vida se iluminou e ficou mais bela. Em meio à felicidade do presente, o passado triste parecia ter desaparecido, se perdido.

Philip me amava e, na minha pobreza, eu era rica. Ele descobrira encanto no meu rosto comum, e eu não invejava a beleza de mulher alguma. Dominava a arte de agradá-lo e não desejava outra vitória. Ele me pedia "um pouco de amor", e eu lhe dava de bom grado o afeto guardado por tanto tempo, à espera de apenas uma palavra para fazê-lo jorrar com intensidade e profusão e, assim, florescer e verdejar a trilha solitária que era minha vida.

Philip era generoso, ardente e impulsivo. No início, compadecera-se de mim e, depois, de fato me amara. É o que espero, em verdade, e o que, com ternura, sei. Eu estava mergulhada de coração e alma nessa paixão única que se apresentava a mim como um dia radiante de primavera em meio ao inverno. Eu a nutri e cuidei até se tornar a força regente de meu coração, guiando-me a fazer o

bem ou o mal.

Eu tinha uma amiga (ou pelo menos pensava ter, que Deus a perdoe pelos pecados e sofrimento que me causou) dona de tudo o que em mim faltava: juventude, beleza, riqueza e todos aqueles encantos que tornam uma mulher atraente aos olhos dos homens. Eu não a conhecia havia muito tempo, mas a amava e confiava nela por completo, grata por ter se afastado de amigos mais alegres para se solidarizar a mim.

Philip a admirava, e eu me sentia contente por isso. Ao acreditar que o coração dele fosse todo meu, não temia nem invejava a beleza de Clara. Tão cega, desfrutei serena da minha felicidade junto àqueles dois amigos, de cuja honestidade nunca sonhei em duvidar, até uma súbita revelação se fazer notar em um momento de tranquilidade. Eu estava muito segura.

Um único olhar os traiu. Eu não poderia me iludir, pois, ao conhecer cada mudança no rosto de Philip, eu o lia como um livro aberto. Quando vi um olhar terno como aquele lançado a mim no começo ser dirigido de maneira demorada e sincera a Clara, senti uma dor amarga. A beleza poderia, por fim, significar mais para ele do que o amor.

Eles não conseguiram ver a súbita tristeza que se abateu sobre mim enquanto eu os observava com olhos atentos, os mesmos que antes estavam cegos. Não tinham como saber com que clareza eu enxergava em seus rostos a revelação que me empalidecia, nem como percebia de forma nítida a secreta simpatia que conferia música às vozes deles enquanto cantavam.

Eles permaneciam ali, juntos, belos e alegres, sob a luz brilhante dos abajures. Obscura, sem encanto e triste, eu estava sentada à distância, sob as sombras do crepúsculo, em uma luta silenciosa para encontrar uma saída do labirinto de dúvida e medo que enchia meu coração e minha mente.

Queria ser generosa e justa, esquecer a mim mesma e pensar apenas na felicidade de Philip. Mas meu amor se mostrou tão insistente e forte que só pude ouvir suas súplicas e me apegar à velha esperança e à fé, embora fossem, e eu sabia, muletas quebradas.

Observei e esperei ao longo de muitos dias, agi como se nada houvesse mudado. Mas o véu que cobria meus olhos tinha caído e a serenidade, que por pouco tempo tomara conta de mim, desaparecera. Ah, foi apenas um instante! Vi aquela nuvem se aproximar cada vez mais. Ela me encheria de sombras e reservaria apenas aos dois a luz do sol perdida para mim.

Por fim, ao perceber que a dissimulação não era uma atitude generosa ou sábia, fui até Philip e revelei-lhe com calma, embora meu coração estivesse quase partido pelo sacrifício iminente:

— Philip, se eu tiver perdido seu afeto, pelo menos me conceda sua palavra. Se você ama Clara, não esconda isso de mim. Eu romperei o laço que se tornou um grilhão incômodo e, de agora em diante, tentarei ser feliz ao permitir que você o seja.

Isso o comoveu de maneira profunda, como eu havia previsto. Ele me puxou com carinho para junto de si, anunciando ao mesmo tempo de forma alegre e triste, enquanto seus olhos sinceros fitavam os meus:

— Estou apenas fascinado pela beleza dela, minha querida. Mas diga a ela para ser menos encantadora e menos gentil; será melhor para nós dois. Na verdade, eu não a amo; por isso, esqueça seus temores e acredite em mim, eu renunciaria a cem encantadoras Claras pela minha única e fiel Agatha.

— Mas, Philip, pode chegar o momento no qual você se arrependa de sua generosa piedade por esta pobre e simples moça, que não quer ser um fardo, embora não tenha mais ninguém para amar. Prometa-me que, se esse momento chegar, você me dirá com toda franqueza e liberdade. Eu poderia suportar qualquer coisa vinda de você, menos mentiras ou falsidade.

— Eu prometo, Agatha, por isso volte a ser feliz e não mais profetize infortúnios, pois me entristece vê-la tão abatida e pálida.

E assim aquele temor descansou por um tempo, e eu vi com orgulho o quanto meu amado tentava seguir firme na fé em mim, o quanto evitava o belo rosto que sempre lhe sorria e o quanto seu coração sofria a duras provas pela paixão dividida que havia penetrado ali.

Clara também percebeu o contexto, e a vaidade a incitou a se esforçar ainda mais para conseguir o amor daquele cuja admiração lhe tornara tão cara.

Ela tinha sido minha amiga. Mas, quando vi a natureza maligna, até então oculta, que agora a levava a me enganar e a me torturar ao tentar atrair o único coração que eu prezava, ela se tornou minha inimiga, e eu me empenhei para frustrar aquele plano cruel. Ela era minha hóspede, e eu não podia mandá-la embora do lar cuja paz ela começava a destruir. Por isso, aguardei com paciência, na esperança de que tudo ficasse bem.

Por fim, não pude mais suportar. Philip havia mudado e, aos poucos, vi minha felicidade se esvair. Então meu orgulho cedeu e, com humildade, fui até minha rival, suplicando-lhe que me devolvesse a única alegria de minha vida:

— Você tem beleza, juventude e muitos corações para alegrá-la. Eu não tenho nada além do amor de Philip. Seja generosa e não me roube meu único tesouro. Você tem o poder de tomá-lo de mim. Ah, seja justa e não o use para me infligir tristeza.

Clara ouviu tudo com um sorriso desdenhoso e me repreendeu pelo comportamento infantil e ciumento ao responder, com frieza:

— Eu não quero nada seu. Por que deveria cobiçar o seu único amor quando posso conquistar tantos quanto quiser? Estou apenas testando meus encantos para que não fiquem sem uso num lugar tão pacato quanto este. E se ele for fraco o suficiente para esquecê-la por um sorriso, ora, que isso não lhe aflija, pois ele não merece suas lágrimas.

— Ah, Clara, tão bela quanto cruel, como pode brincar assim com minha aflição? Seja gentil e vá embora para longe antes que seja tarde demais. Philip ainda não a ama, mas a amará. Posso ver o amor florescendo. Poupe-nos desse sofrimento e prove ser tão minha amiga quanto eu pensava, deixando para mim, intacta, minha única felicidade.

Arrependi-me daquelas palavras precipitadas assim que as pronunciara, pois uma luz maligna iluminou os olhos de Clara e um sorriso de exaltação surgiu em seu rosto. Mas ela se mostrou mais gentil e, ao prometer fazer tudo o que eu

desejasse, afastou-se com aquele estranho sorriso nos lábios.

Conforme ela partia, Philip apareceu de um canto escuro, onde estava sentado sem ser visto, e, com um olhar de vergonha e tristeza, meio arrependido, revelou-me:

— Agatha, é chegado o momento previsto por você. Eu não a amo menos, mas aquela sereia me encanta como uma serpente encanta um pássaro, e me rouba a vontade e o poder de resistir. Não é ela quem eu amo, mas sua imagem me assombra dia e noite e me deixa miserável. Mantive minha palavra para com você, mas sou fraco e impetuoso e posso, em algum momento de descuido, dizer a Clara algo que nos trairia, prometidos como estamos. Ajude-me, Agatha, a me livrar desse feitiço infeliz e a me tornar digno do seu generoso amor outra vez.

Percebi no rosto angustiado e nas palavras impacientes o quanto aquele desejo era sincero, e tomei coragem para dizer:

— Fuja da tentação, Philip. Deixe este lugar no qual fomos tão felizes antes que uma palavra precipitada estrague a paz futura. Livre da presença que o enfeitiça, essa ilusão passará e ainda poderemos ser felizes, já que a nuvem que ofuscou nosso brilho do sol terá sido breve.

Philip partiu e recuperei a paz, pois ele me escrevia com entusiasmo. O feitiço parecia ter se quebrado, e eu esperava para recebê-lo outra vez, de forma tão terna e verdadeira como antes, tão logo Clara fosse embora.

Desde a partida de Philip, ela havia mudado. Mostrava-se mais gentil e prestativa e parecia tentar afastar da minha mente qualquer lembrança do passado. Mas minha desconfiança, uma vez despertada, nunca adormecia. Eu me esforçava para ser amigável, mas a observava com cautela, pois sentia que ela me prejudicaria se tivesse alguma chance; e minhas vagas suspeitas por fim não se mostraram falsas.

Apesar de toda a riqueza, Clara não era caridosa, e quando, de repente, começou a visitar os pobres moradores de casebres da cidade e falar sobre o sofrimento que precisava atenuar, não me deixei cegar. Permaneci ainda mais alerta para descobrir a causa secreta da benevolência incomum, mas esperei em

vão.

Ela ia e vinha com interesse incansável e parecia encontrar grande satisfação na atividade. Quando passava sorrindo de um lado para outro, muitos a chamavam de “anjo bondoso dos pobres” e abençoavam o “belo e resplandecente semblante”. Esse mistério me deixou perplexa por muito tempo, mas por fim ele se revelou.

Clara visitava os moradores de um dos casebres com frequência e, certo dia, apesar de sua evidente relutância, eu a acompanhei. A matriarca da família estava doente e, enquanto Clara conversava com ela, eu balançava o bebezinho de bochechas rosadas de um lado para o outro, diante de um pequeno espelho na parede. Enquanto embalava a criança, pude ver através do espelho estreito quando a mulher entregou uma carta a Clara, que a escondeu com um olhar de advertência em minha direção.

A criança gemia e pulava sem que eu a notasse. Minha mente havia se enchido de conjecturas precipitadas, cuja veracidade resolvi averiguar, motivada pela sensação do mal iminente que me assombrava o tempo todo.

Naquela noite, despedindo-se de mim com um afago, Clara, queixando-se de cansaço, foi para o quarto cedo. Eu fiz a mesma coisa algumas horas depois. A noite estava fria e eu, prestes a fechar a janela quando uma luz vindo do quarto de Clara chamou minha atenção. Foi fácil esgueirar-me em silêncio pela varanda e espiar por entre as trepadeiras e as cortinas quase transparentes.

A janela estava aberta e, sem se importar com o ar noturno, Clara se sentara ali perto, debruçada sobre a escrivaninha, com rubor no rosto e aquela luz exultante nos olhos da qual me lembrava tão bem.

Eu a observava havia pouco tempo quando a voz da criada, vindo do quarto de vestir, a perturbou. Ela se levantou com um gesto impaciente e foi lhe dar ordens.

Depressa, afastei a cortina, peguei o papel que ela havia deixado e li: “Querido Philip”. No mesmo instante, meus olhos reconheceram a caligrafia dele em várias cartas entreabertas espalhadas sobre a mesa.

Coloquei o papel no lugar e, com uma calma estranha e austera, fiquei do lado de fora, olhando com firmeza para a bela e falsa amiga que se encontrava ali, a sorrir diante da minha cegueira enquanto escrevia com ternura para o homem que eu amava como a minha própria alma.

Continuei a observá-la por uma hora que pareceu infindável, sem me importar com o vento frio ou com a chuva que caía sem ser notada em minha cabeça desprotegida.

Quando Clara dormiu, entrei no quarto, peguei as chaves no lugar em que estavam escondidas, abri a escrivaninha e li todas as cartas. Em seguida, voltei para a cama e, sem pregar os olhos, me dei conta da grande tristeza que me acometera.

Naquelas cartas (as de Philip e as cópias de suas próprias), descobri como ela escrevera para ele pela primeira vez sob um falso pretexto e, aos poucos, o instigara até que, sob o disfarce da amizade, conseguira dele uma confissão precipitada, satisfazendo assim a vaidade e o orgulho ferido. Tomei conhecimento de que ela lhe relatara que eu estava feliz com sua ausência, que nunca falava a respeito dele e não dava ouvidos às súplicas dela pelo retorno de Philip. Disse ainda que eu gostava de exibir meu poder e me orgulhava do controle total exercido sobre ele. Com maestria e astúcia, havia manipulado o orgulho e a determinação dele, difamando-me com ousadia por todos os meios possíveis. Com isso, venceu os honrosos escrúpulos de Philip, e à falsidade adicionou compaixão, simpatia e tímida afeição, em parte confessada. Fervoroso e impetuoso como era, não me surpreendeu que ele tivesse sido enganado e levado a me ver como uma garota dura e de coração frio, tal qual eu era retratada por minha falsa amiga.

Eu não era capaz de expressar meus sentimentos com palavras doces ou até mesmo carícias mudas, como ela fazia. O contemplar de seus belos olhos expressava muito, enquanto tudo o que eu podia fazer era sentir, com muita intensidade e ardor, mas em silêncio; pronta para dar minha vida por quem eu amava, mas sem conseguir declarar esse amor em palavras. Assim, sob meu exterior calmo, minha paixão ardia, um fogo oculto que aquecia e iluminava ou consumia minha vida.

As cartas de Philip despertaram minha piedade, mas quase nenhum desprezo. Ele não havia se rendido sem lutar. Eu sabia que ele não a amava de verdade, pois a última carta mostrava remorso por me enganar e arrependimento por um dia ter olhado para o belo rosto que lhe roubara a paz e o respeito próprio.

Eu o perdoei e o segui amando com fidelidade como sempre, já que o considerava mais vítima do que culpado. Com relação a Clara, no entanto, alimentei ódio e desprezo, tanto que eu temia ser levada a cometer algum ato repentino de vingança, do qual me arrependeria no futuro.

Levantei-me no dia seguinte com a firme determinação de salvar Philip e desmascarar minha amiga traiçoeira. Em segredo, tal e qual eles haviam me desrespeitado, eu procuraria me reerguer. Como o faria? O tempo e a minha própria mente vigilante responderiam.

— Susan me contou que a febre está se espalhando entre os pobres da vila. Tome cuidado com as visitas que você e Clara fazem a eles, é uma doença perigosa e perversa — alertou-me minha tia idosa e inválida alguns dias depois, quando eu estava no quarto dela.

Aquelas palavras não poderiam me assustar. Ainda assim, eu tremia e meu rosto ficou pálido com o pensamento sombrio que surgiu em minha mente e, como um demônio, me tentou.

Clara receberia a resposta da carta no casebre da mulher doente. Sem dúvida, a febre já rondava o local; ela poderia pegá-la e então… Uma série de pensamentos conflitantes invadiu minha mente e, por um momento, nada parecia claro, mas dessa confusão surgiu o desejo de que ela morresse e Philip fosse todo meu outra vez. Eu não contaria a Clara sobre o perigo que corria, apenas deixaria que ela fosse e retornasse até que a praga a acometesse, interrompendo a vida dela e os atos traiçoeiros. Eu não temia por mim, pois era forte e saudável. Ela, contudo, era tão delicada e frágil. Não resistiria a uma doença como aquela.

Permaneci sentada com esses pensamentos na cabeça, até que minhas têmporas começaram a latejar e meu coração acelerou com a culpa que nele corria. Quase parecia correto e justo me vingar pelo mal que ela me causara de forma tão deliberada.

De repente, enquanto meus olhos vagavam inquietos de um lado para o outro, eles se depararam com a figura de Clara na alameda rumo à cidade. Eu sabia aonde iria e fiquei observando-a se afastar, mais encantadora do que nunca, com um brilho de esperança no rosto e um riso zombeteiro quando olhou para mim e seguiu em seu caminho, regozijando-se em sua conquista de meu Philip.

Esse nome, quando o murmurei, pareceu despertar o melhor em mim. Esquecendo-me do ódio que infestava meu amor, afastei os pensamentos que me tornavam tão indigna desse sentimento e, correndo até Clara, contei-lhe do perigo que ela corria e pedi que não fosse mais à cidade. Um olhar de súbita vergonha transpareceu pelo rosto dela enquanto eu falava e, com um tremor, se virou, agradecendo-me com afeto por meu alerta oportuno.

Ainda assim, era tarde demais. Ela já havia ido inúmeras vezes àquele casebre contaminado e, uma semana depois daquela noite, eu a vigiava, ouvindo seus delírios incoerentes, agradecendo a Deus por não ter cedido à forte tentação e pelo fato de que, se morresse, não seria por minha causa.

Durante muitos dias, a febre persistiu, deixando-a reduzida a uma sombra, fraca como uma criança. Cuidei dela com fidelidade e tentei reprimir minha decepção pecaminosa quando me revelaram que ela sobreviveria. O rosto branco me assombrava e a voz fraca se tornara um som odioso. Eu poderia tê-la perdoado se ela tivesse deixado escapar qualquer sinal de penitência ou tristeza. Mas a absoluta falsidade de seu caráter endureceu meu coração e não deixou espaço para outro sentimento além de desprezo.

Philip quase nunca me escrevia agora e, sabendo do motivo, eu também raramente respondia às breves cartas que me mandava. Não podia enganá-lo e, portanto, esperei até que pudesse pôr fim a seu embate e ao meu próprio.

Fiquei atenta para ver se chegava algum bilhete ou mensagem dele para Clara. Mas a criada dela era cautelosa, e eu não descobri nada até que, certa noite, enquanto aparentava dormir na poltrona acolchoada do quarto de Clara, eu a vi tirar um papel de debaixo do travesseiro, lê-lo, beijá-lo e, em seguida, escondê-lo, adormecendo com tranquilidade, sem imaginar estar sendo observada.

Com habilidade, apoderei-me da carta e descobri que era de Philip, como pensara, e era ainda mais terna do que qualquer outra. Enfiei-a de volta junto a seu peito como se uma serpente tivesse me picado e, sentada naquele quarto silencioso, refleti de forma nebulosa sobre meu destino infeliz, até chegar à conclusão de que nenhum pecado ou sacrifício pareciam grandes demais se me trouxessem de volta tudo o que eu havia perdido.

Enquanto lançava um olhar macabro para o rosto adormecido de Clara e desejava poder destruir aquela beleza fatal, uma súbita lufada de ar vinda da janela entreaberta fez a cortina de musselina ao lado da cama voar na direção da lamparina acesa. Eu deveria ter me levantado e fechado a janela, mas um feitiço maligno parecia ter recaído sobre mim. Fiquei sentada, imóvel, observando com os olhos fascinados as cortinas brancas flutuarem cada vez mais perto da lamparina perigosa.

Clara estava deitada em sono profundo, a casa era puro silêncio. Do prado enluarado, pude ouvir o soar grave e solene do relógio do vilarejo marcar uma hora. Escutei o farfalhar da brisa crescente, vi o movimento rápido das cortinas, mas não falei nem me mexi. Uma calma terrível me dominou e, quando uma chama repentina iluminou o quarto, apenas sorri. Era um sorriso horrível, pude vê-lo no espelho e senti medo do meu próprio semblante.

As chamas se tornavam mais brilhantes e mais quentes conforme a madeira queimava, e Clara se levantou de repente, esticou os braços através da fumaça e gritou em desespero:

— Philip, salve-me! Salve-me!

Philip não poderia responder a seu chamado, mas ele *me* salvou, pois, como antes, o som do nome dele quebrou o feitiço maligno que me prendia. Arranquei Clara da cama ardente e lutei contra as chamas até vencê-las, encontrando prazer feroz naquela agitação e no perigo.

Mas quando Clara voltou a dormir, sob o efeito de um calmante, e os criados assustados foram mandados de volta para a cama, eu me senti tão frágil e desamparada quanto uma criança.

Aflita com o peso do crime quase cometido e consciente do poder do meu infeliz amor de me conduzir ao mal, clamei em meu íntimo:

— Isso precisa acabar. Não levarei mais essa vida horrível, pois ela está me arruinando, de corpo e alma. Philip deve decidir entre nós, e o sofrimento precisa ter fim.

Olhei para Clara, observando com atenção cada detalhe de sua feição e, em seguida, examinei com firmeza meu próprio rosto no espelho, na esperança de encontrar algum pequeno encanto, algum traço de poder ou intelecto, para contrapor à beleza de minha rival. Mas vi ali um semblante tão abatido, sombrio e selvagem que mal o reconheci. Antes, ele era calmo e gentil, mas se tornara severo e sombrio com o conflito em meu coração. Com um suspiro pesado, me virei, sentindo que aquele não era um rosto para agradar alguém como o meu Philip.

Atirei-me ao chão e ali me debati durante toda aquela longa noite. O orgulho e o ódio foram subjugados pelo meu remorso. Mas meu amor não seria silenciado. O afeto, antes luz e bênção da minha vida, era agora o motivo de minha maior tristeza, algo cruel, muito cruel.

No amanhecer cinza, escrevi para Philip, pedindo-lhe para voltar para casa e dizendo-lhe apenas ter conhecimento de tudo, que poderia perdoá-lo se ele fosse fiel a si mesmo e acabasse com toda dúvida e sofrimento de uma vez. Enviei a carta, contei a Clara e implorei que fizesse Philip feliz se ela de fato o amasse, pois eu não tinha mais direito algum sobre ele.

Ela pareceu espantada com minha franqueza, mas não se envergonhou com minha descoberta da armadilha, chamou-me de "criança romântica" e disse que "veria o que poderia ser feito por Philip".

As palavras insensíveis eram como punhais para mim, mas eu as suportava em silêncio, desejando dia e noite que Philip chegasse e que tudo acabasse de uma vez.

Clara ficava cada vez mais ansiosa e inquieta à medida que a hora do retorno se aproximava. Ainda estava fraca e debilitada, mas tinha passado ruge nas

bochechas brancas e se arrumado com cuidado para ele não perceber qualquer dano à beleza que o conquistara.

Em momento nenhum pensei em minhas roupas ou retoquei meu rosto; não tinha nenhum amor para agradar agora, nenhuma esperança e alegria para me motivar a corar minhas bochechas ou iluminar meus olhos; não tinha nada além de um coração dolorido e um futuro em branco diante de mim.

— Ele está chegando, Clara! Reconheço os passos no jardim. Você está dormindo ou desmaiou? — gritei, quando, ao me virar, a vi recostada na poltrona com os olhos semicerrados e um olhar de dor no rosto.

— Não, só estou cansada de esperar. Traga-o até mim depressa, Agatha.

Ela se levantou, retomando a velha postura imponente, com os olhos brilhantes e um sorriso orgulhoso nos lábios.

— Philip — chamei, detendo-o quando entrou com uma expressão que mesclava alegria e vergonha em seu belo rosto. — Philip, deixe-me dizer algumas palavras primeiro, já que, quando estiver com Clara, você se esquecerá de todo o resto. Eu o liberto do laço que se tornou um grilhão. Quero um coração livre. Escolha por si próprio entre Beleza ou Amor. Só mais uma palavra, e tento dizer de forma gentil. Deixe-me adverti-lo de que uma falsa amiga não se tornará uma esposa com coração verdadeiro. Agora vá e acabe logo com isso.

Ele vacilou, olhou-me com um olhar inquisidor, mas permaneci firme e calma, incapaz de expressar minha tristeza como também fora incapaz de expressar meu amor, mas sentindo-a ainda mais fundo por essa mesma razão. Ele não conseguiu ouvir meu coração torturado e me julgou fria e insensível, pois, com algumas palavras apressadas de gratidão e pesar, pediu que eu o levasse até Clara.

Ela não se levantou quando nos aproximamos; permaneceu sentada sob a sombra avermelhada das cortinas com um olhar estranho, e os olhos não se moveram quando Philip pegou a mão dela.

— Agatha, o que é isto? Ela está fria como o gelo — gritou, olhando para mim com uma expressão de espanto.

Afastei as cortinas e vi, sob a luz ofuscante do sol de verão, Clara sentada com o tom artificial que cobria as bochechas côncavas, um olhar vítreo nos olhos entreabertos e nem um suspiro sequer para fazer mexer a renda sobre o peito. Ela estava morta.

Eu havia desejado isso, até mesmo orado para que um de nós morresse, e havia torcido para que ela fosse tirada do meu caminho. Mas agora, quando em um instante minha prece perversa fora atendida, me arrependi e quase desejei que ela voltasse.

Philip aparentava estar desnorteado com o estranho e repentino fim daquela paixão. Por fim, o feitiço parecia ter se quebrado, pois, passado o primeiro momento de terror e surpresa, ele nunca mais comentou a respeito dela. A velha personalidade gentil e carinhosa despertara de um breve sonho. Não o repreendi de maneira alguma, pelo contrário. Por todos os meios discretos ao meu alcance, mostrei o quanto recebia seu amor de volta com alegria. Aquele amor não estava perdido, só havia se desviado.

O médico ficou pouco surpreso com a morte súbita de Clara, e afirmou temer pelo acontecimento, pois ela era muito frágil e a doença era hereditária. Assim, após todos os métodos restauradores serem testados em vão, nós a deitamos, bela e imóvel como uma estátua de mármore, em seu leito derradeiro e estreito. Os amigos vieram de suas casas distantes para levá-la de volta à única morada que lhe restava na Terra.

— Descanse em paz, Clara. Eu a perdoo agora, assim como espero ser perdoada pelos meus próprios pecados — murmurei para mim mesma enquanto, sozinha ao lado do caixão, olhava para o rosto calmo, tão incapaz de me prejudicar agora. Enquanto falava, inclinei-me para afastar uma mecha de cabelo que havia caído sobre a bochecha.

Ao fazer isso, minha mão tocou sua testa, e uma emoção estranha e repentina me atravessou: ela estava úmida.

Coloquei a mão sobre o coração dela. O pulso e os lábios não se mexiam. Toquei a testa outra vez, mas minha mão havia enxugado o leve orvalho e ela estava fria como gelo.

Permaneci pálida e imóvel como ela por alguns instantes, enquanto o conflito familiar dilacerava meu peito com ainda mais força.

O medo sussurrava que ela não estava morta, a Piedade suplicava por ela, deitada indefesa diante de mim, e a Consciência me ordenava com severidade para fazer o certo, esquecendo-me de todo o resto. Mas eu não quis ouvir, pois o amor gritava com paixão:

— Philip é meu outra vez. Ela não vai mais nos separar nem roubar a única bênção da minha vida.

Dei ouvidos ao demônio maligno que me possuiu e, com o coração endurecido, jurei solenemente: ela nunca ganharia o prêmio desejado, nem que eu precisasse matá-la para evitar.

Murmurei para mim mesma:

— Por duas vezes venci meu espírito vingativo, mas fui ferida de forma ainda mais profunda. Agora vou ceder a ele e, mesmo que uma palavra minha pudesse salvá-la, eu não direi nada.

Tirei os olhos do rosto odiado e me afastei em silêncio.

Foi a última vez que a vi, e não mencionei aquela súbita dúvida. Ela foi enterrada, e nós voltamos a nossa vida tranquila e feliz.

Philip estava mais apaixonado do que nunca e tentava, com cada palavra e gentileza, compensar a negligência do passado. O futuro agora se mostrava claro e brilhante diante de mim. Minha vida teria sido de perfeita alegria, não fosse uma súbita escuridão que se abatia de vez em quando, como a sombra de uma nuvem passageira. Um vago sentimento de culpa me afligia, tornando-se mais pesado a cada dia.

A terrível possibilidade de que Clara não estivesse morta me assombrava como um fantasma. A princípio, tive medo de contar, temendo que ela voltasse a exercer má influência em minha vida. Mantive a promessa pecaminosa até que fosse tarde demais para salvá-la. Mas esse medo secreto se tornou um espectro erguido diante de mim em meus momentos mais felizes e arruinava minha paz de espírito. Assim, muitas semanas infelizes se passaram.

Íamos nos casar e, na empolgação daquele momento, eu esperava esquecer. Mas essa esperança foi em vão. O medo sempre pesava em meu coração, e eu não conseguia afastá-lo, não importava o quanto me esforçasse e me justificasse. Ele nunca me abandonava, estava sempre presente, tornando meus dias cansativos e angustiantes e minhas noites, horríveis e repletas de pesadelos.

Eu acreditava que tudo não passava de mera fantasia, mas aquilo estava me desgastando. Vi meu rosto ficar cada vez mais magro, meus olhos se iluminarem com uma inquietação febril, meu ânimo enfraquecer e minha vida se tornar uma luta diária para me livrar das trevas avassaladoras da minha felicidade. Uma felicidade tão desejada, tão preciosa, mas tão ofuscada pelo pavor secreto que, como um fantasma, agora me assombrava.

O dia do meu casamento se aproximava, e eu buscava conforto na esperança de que essa grande mudança pudesse me livrar dos problemas ocultos.

Uma vez esposa de Philip, eu preencheria a vida dele com alegria e contentamento. Eu o prenderia a mim com todos os laços que o amor de uma mulher pode tecer e me tornaria tão próxima e querida dele que sua afeição iluminaria todos os cantos do meu coração infeliz e baniria o passado sombrio da minha memória.

Eu esperava, inclusive, por um momento no qual poderia confessar minhas dúvidas e medos sem hesitar, assim como todos os pensamentos loucos e perversos que outrora corriam pela minha mente. Ele me perdoaria, eu sabia muito bem, e afastaria com um sorriso minhas fantasias tolas. Então o fardo seria aliviado e eu estaria em paz de novo.

Agarrei-me a essa esperança. Muitas vezes, naquelas noites infelizes nas quais aquele rosto sem vida me olhava da escuridão com reprovação muda nos olhos turvos, espantando meu sono, eu ensaiava minha confissão com palavras perfeitas aos ouvidos de Philip. Misturava autoacusações com preces murmuradas, nas quais pedia perdão e lembrava com carinho que aquelas provações e tentações eram frutos de meu grande amor por ele.

Passei muitas noites longas e sombrias em ensaios de minha confissão, pois nela residiam minhas esperanças de paz no futuro.

Eu não temia perder o coração de Philip e, quando não pudesse mais suportar meu segredo, lhe contaria. Mas ainda não era a hora, ainda não.

Na noite anterior ao meu casamento, deitei-me em minha cama com o velho medo mais forte do que nunca e caí em um sono profundo, repleto de pesadelos aprisionantes, até ser despertada pela luz do sol. Teria sido melhor se eu tivesse dormido para sempre.

Levantei-me com uma sensação indescritível de alívio e, por um momento, deixei-me levar por pensamentos alegres e pelos preparativos para a cerimônia que se aproximava.

O dia estava lindo, e eu me sentia feliz, pois os medos fantasmagóricos haviam desaparecido. Nossos poucos amigos tinham comparecido, com sorrisos e todos os bons votos para celebrar nossas núpcias discretas. Era chegada a hora e tudo estava pronto, mas Philip não apareceu.

Esperamos por muito tempo, mas nada do noivo. Mensageiros foram enviados para encontrá-lo, mas voltaram contando que o homem havia saído cedo naquela manhã e ainda não tinha retornado.

Então meu coração apertou no peito. Minha alegria efêmera se desfez, e fiquei ali sentada, com pressentimentos sombrios que quase me levaram à loucura. E ele não apareceu.

Um a um, os amigos se retiraram em silêncio e, quando o sol se pôs, fiquei sozinha com o bom clérigo e minha velha tia. Eles tentaram me acalmar e confortar, mas as palavras passavam por mim como o vento.

Fiquei andando de um lado para o outro do cômodo por horas a fio, com olhos, ouvidos e pensamentos bem atentos para captar o primeiro som de passos se aproximando. Mesmo assim, Philip não veio.

Por fim, minha tia pegou no sono, o bom homem foi embora e os vizinhos, gentis e ao mesmo tempo curiosos, pararam de me incomodar. Então, fiquei completamente sozinha, e a chama vermelha da lareira, que nos meus planos iluminaria uma esposa feliz, agora brilhava sem força e lançava luz sobre uma mulher pálida e angustiada, com flores mortas no peito e um traje de noiva

zombador de sua desolação. Uma mulher sentada sozinha, atenta e à espera do dia clarear.

De repente, ouvi os passos de Philip no saguão e, com um grito de alegria que ecoou pela casa, corri ao encontro dele. Mas algo em seu rosto me fez recuar. Com aparência muito abatida, lábios pálidos e olhos dilatados por algum horror secreto, ele me encarou por tempo suficiente para me causar calafrios.

Por fim, não pude mais suportar o silêncio e, aproximando-me dele, quis abraçá-lo com um gesto de boas-vindas, mas ele se esquivou do meu toque, com a cabeça baixa e as mãos estendidas para me afastar de si.

— Philip, o que foi? Não me mate com esses olhares e esse silêncio terrível. Diga-me o que aconteceu. Posso suportar tudo, menos isso — gritei, agarrando-me a ele com um gesto desesperado.

Um olhar de sofrimento tomou-lhe o rosto quando seus olhos se encontraram com o meu olhar de súplica. Ele me segurou com firmeza por um momento e depois me afastou de si com pavor.

Sentei-me onde ele me largou, sem poder me mover ou falar. Philip estava diante de mim com o semblante frio e severo como uma rocha, e revelou com uma calma abrupta, muito mais terrível do que seria a mais selvagem agitação:

— Agatha, na noite passada, fiquei sentado sozinho nesta sala, muito tempo depois de você ter se recolhido. E, enquanto estava aqui, uma figura abatida, com olhos sem vida e bochechas pálidas apareceu e me contou uma história triste sobre mentiras e erros, pecados ocultos e sofrimento. E confessou um crime que a levou, como um fantasma irrequieto, a revelar segredos quando eles se mostraram fatais para sua paz.

— Foi Clara, ela voltou do túmulo para me prejudicar e me roubar mesmo agora — murmurei, meio inconsciente de que falava em voz alta, pois o velho medo voltara ainda mais forte.

— Não, Agatha, *era você*, vindo até mim em seu sono assombrado para contar o segredo pecaminoso que está destruindo depressa sua vida. Foi horrível vê-la aí de pé, com os olhos sem qualquer luz, sem cor no rosto inexpressivo, e ouvir

palavras que deveriam ter sido ditas com lágrimas de arrependimento e afagos carinhosos pronunciadas em tom baixo e sobrenatural por lábios pálidos e inconscientes de seu significado. E depois ainda ver a aparição que acusava a si mesma voltar impassível para a escuridão, deixando um rastro de miséria. Ah, Agatha, como me enganei a seu respeito.

— Perdoe-me! Você precisa… você deve perdoar… pois foi você, Philip, que me levou a essa situação. Eu o amava mais do que amava minha própria alma, e ela se colocou entre nós. Fui muito tentada, mas, por sua causa, resisti mais de uma vez. Não o libertei quando meu coração era seu? Não renunciei à felicidade da minha vida para garantir a sua? Não provei o quanto meu amor é forte com esses sacrifícios por você? Então não me censure agora por ter revelado de maneira inconsciente as lutas travadas em segredo, nem me repreenda por ter me alegrado com a morte de Clara, pois *ela está morta*, e qualquer dúvida quanto a isso não passa de uma fantasia febril.

A calma de Philip desapareceu quando pronunciei essas palavras. O olhar de horror voltou a seu rosto, a figura alta tremia e a voz rouca ecoava na sala silenciosa enquanto ele respondia com os lábios cada vez mais brancos à medida que falava:

— Ela *está* morta, graças a Deus! Mas *não estava* quando a enterraram. Sim, você já pode cair de joelhos e suplicar perdão aos céus por sua culpa, pois foi você que a assassinou, Agatha. Preocupado com a sua confissão na noite passada e lembrando-me da estranha inquietação que a acometeu desde a morte de Clara, dirigi-me esta manhã a L., onde ela jaz. Sozinho, entrei em sua tumba, mas saí de lá desorientado, pois ela havia sido enterrada viva! Não há dúvidas quanto a isso, pois ela se virou no caixão e, fraca demais para abri-lo, morreu de maneira trágica. Deus a perdoe, Agatha. Quanto a mim, nunca poderei.

— Tenha piedade, Philip. Ela me causou tanto sofrimento e eu não poderia renunciar a você. Seja misericordioso, e eu me redimirei disso com uma vida inteira de sacrifício e penitência, mas não me rejeite — bradei, superando em meu desespero o horror e o remorso que congelavam meu sangue.

Mas ele não cedeu nem por um momento, firme em seu objetivo. Ele se

afastou de mim, dizendo com ar solene ao adentrar na noite escura:

— Deus perdoe a nós dois. Nossos pecados resultaram em sua própria punição e nunca mais devemos nos encontrar.

E assim nunca mais nos vimos.

The End



Extra: Biografia de Louisa May Alcott

Louisa May Alcott nasceu em 1832 no estado da Pensilvânia, Estados Unidos. Ao lado de suas três irmãs, foi educada principalmente por seu pai, o professor e filósofo A. Bronson Alcott, e criada sob a forte presença do cristianismo por sua mãe, Abigail May. Os pais de Alcott fizeram parte do movimento transcendentalista do século XIX, uma corrente religiosa popular, de forma que Louisa e suas irmãs cresceram às sombras desses ensinamentos.

A escrita se mostrou uma paixão desde muito cedo. Quando criança, tinha uma rica imaginação e suas histórias serviam de inspiração para peças que ela e suas irmãs encenavam para amigos. Segundo a própria Louisa, nesses casos, preferia interpretar os papéis mais sombrios, como vilões, fantasmas e rainhas

desdenhosas. Aos oito anos, começou a escrever poesia e logo seguiu para os contos.

Frente à pobreza que assombrava sua família, Louisa começou a se preocupar com formas de fazer o dinheiro entrar na casa já aos 15 anos de idade. Chegou a trabalhar como professora, costureira, governanta e empregada doméstica, até mergulhar na carreira de escritora.

Louisa trabalhou até mesmo como enfermeira durante a Guerra Civil Americana, período em que contraiu febre tifóide. Sua experiência no hospital como paciente e enfermeira futuramente serviria de inspiração para o romance *Hospital Sketches*, de 1863. Com apenas 22 anos, publicou seu primeiro livro, *Flower Fables*, de 1854.

Pouco mais de uma década depois, publicou o que se tornaria seu trabalho mais famoso e uma das histórias mais conhecidas da literatura do século XIX. Foi em 1868, quando tinha 35 anos, seu editor, Thomas Niles, pediu que escrevesse o que chamou de "uma história para meninas". Em apenas três meses, Louisa May Alcott rascunhou a primeira versão de *Mulherzinhas*, livro que imortalizaria seu nome na literatura mundial.

Mulherzinhas é baseado na história de Louisa e suas irmãs, com muitas das experiências domésticas inspiradas em eventos que realmente aconteceram em Orchard House. A casa, inclusive, é aberta à visitação, recebendo entusiastas que procuram ver um pouco de como foi a vida da família Alcott no lugar em que viveram, e também conferir as inspirações para um dos mais famosos romances da literatura.

O livro se tornou um sucesso estrondoso desde o lançamento. Muitos leitores se identificaram principalmente com a protagonista Jo March. Segundo o site dedicado às visitações em Orchard House, a protagonista de Mulherzinhas "agia a partir de sua própria individualidade - uma pessoa imperfeita e de pensamento livre, diferente do estereótipo idealizado de perfeição feminina até então predominante na ficção infantil".

Louisa May Alcott nunca se casou nem teve filhos, porém adotou sua sobrinha depois da morte da irmã. Louisa sofreu com crises relacionadas à saúde

ao longo de sua vida. Ela atribuiu sua condição debilitada ao envenenamento por mercúrio, que acreditava ter contraído enquanto trabalhava como enfermeira durante a Guerra Civil. A autora morreu em março de 1888, apenas dois dias depois do falecimento de seu pai.

Louisa May Alcott deixou um legado de mais de 30 livros e coletâneas de contos e poemas publicados ao longo de sua vida. Seus livros voltados para públicos mais jovens continuaram bastante populares. A redescoberta de algumas de suas obras menos conhecidas no final do século XX, têm despertado um interesse cada vez maior na ficção adulta que Louisa escreveu.

A Confissão de Agatha, conto publicado em 1857, mostra um lado mais sombrio e eletrizante da autora que conquistou o mundo com *Mulherzinhas*, e agora chega com exclusividade para os assinantes da Sociedade das Relíquias Literárias.

Deixe sua avaliação no Skoob ♥

Busque por

A Confissão de Agatha

Participe do Grupo

O grupo no Telegram é cheio de novidades e artes dos contos!

Papeie sobre este conto no:

t.me/sociedadewish

Profissionais que trabalharam neste conto



Andrea Coronado

TRADUÇÃO

Andrea atua com tradução (inglês-português), revisão e revisão bilíngue há 14 anos, trabalhando com clientes finais como Avaaz, Google, Amazon, Twitter e Thomson Reuters, dentre outros.

Fernanda Fedrizzi

PREPARAÇÃO

Editora, produtora editorial e preparadora de textos. Jornalista, especialista em Jornalismo Literário: a arte de escrever narrativas de não ficção com técnicas usadas na literatura; com MBA em Gestão de Projetos: a arte de organizar e sincronizar entregas, cronogramas e recursos e transformar em algo concreto. Trabalha na área editorial desde 2015.



João Rodrigues

REVISÃO

Bacharel em Tradução e especialista em Produção e Revisão Textual.

@jojsrodrigues



Erica Nascimento

ILUSTRAÇÃO

Ilustradora, apaixonada por fadas, contos e criaturas mágicas.

Insta: @ericanascimento.art

Twitter: @erican_art



Marina Avila

PROJETO GRÁFICO

Produtora editorial e fundadora da Wish. Mãe de gatos e de livros.

@marinalivros



Valquíria Vlad

COMUNICAÇÃO E COMUNIDADE

Escritora, pesquisadora e publicitária formada pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

@valquiriavlad



Laura Brand

MEDIAÇÃO E PARATEXTOS

Editora, coordenadora editorial, jornalista e criadora de conteúdo. Formada pela PUC-MG e Columbia Journalism School. **@nostalgiacinza**

Muito obrigada por apoiar este financiamento coletivo!

Neste mês foi possível viabilizar a curadoria, tradução, revisão e ilustração do conto *Agatha's Confession*! A cada mês de assinatura, a Wish continuará resgatando os tesouros do passado em novas edições para os caçadores das Relíquias Literárias.

Vamos resgatar estes contos raros juntos?

Relíquia 044/Nov 2023

NO PRÓXIMO MÊS

Uma história de Natal

